

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES

CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

CARLOS DANIEL ENGLERT KELM

LIBERDADE: OUTRAS HISTÓRIAS

SÃO PAULO
2023

CARLOS DANIEL ENGLERT KELM

LIBERDADE: OUTRAS HISTÓRIAS

Memorial descritivo referente ao processo de produção do videodocumentário "Liberdade: outras história", apresentado ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo sob orientação do Prof. Julio Wainer.

SÃO PAULO
2023

À minha família,
pelo suporte e incentivo às minhas
aspirações.

À Raquel Vital, que esteve comigo em todas
as fases do projeto, me oferecendo ajuda e
atenção.

Aos meus amigos, pelos litros bebidos e
por compartilharem esse momento comigo.

Ao meu orientador, Julio Wainer, por me
guiar nos momentos de dúvida, por confiar
no meu trabalho e por sua infinita paciência.

RESUMO:

Este trabalho descreve o processo de produção do videodocumentário “Liberdade: outras histórias”, apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de graduação no curso de jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O filme consiste numa colagem de histórias de imigração no contexto do bairro da Liberdade, em São Paulo. Permeado por questionamentos sobre a identidade e história do bairro, o documentário apresenta um retrato de alguns moradores e trabalhadores da Liberdade.

Palavras-chave: Imigrantes, Liberdade, São Paulo, Histórias, Documentário, Ocupação, Chaguinhas

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO:

1.1. Apresentação	6
1.2. Objetivos.....	6
1.3. Justificativa	8
1.4. Projeto apresentado no 1º semestre de 2023	8
1.4.1. Resumo	8
1.4.2. Introdução.....	9
1.4.3. Justificativa	9
1.4.4. Conteúdo	10

2 – DESENVOLVIMENTO

2.1. Missão Paz e o Glicério.....	12
2.2. Liberdade e Hinodê.....	13
2.3. Capela dos Aflitos e Ocupação dos Imigrantes.....	15
2.4. Pós-produção	16

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

17

4 – BIBLIOGRAFIA E FILMOGRAFIA.....

18

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação

São Paulo é um verdadeiro caldeirão cultural, onde pessoas de diferentes origens se encontram e constroem suas histórias. A cidade tem sido um importante destino para imigrantes em busca de melhores condições de vida, oriundos de países diversos, com suas culturas e línguas singulares. A diversidade étnica e cultural encontrada em São Paulo reflete-se na formação de bairros caracterizados pela interculturalidade, locais que acolhem e abraçam os imigrantes em sua jornada de adaptação e construção de uma nova vida.

A partir de um passeio pelo bairro da Liberdade, um símbolo da imigração japonesa no Brasil e, ao mesmo tempo, da resistência negra, o documentário propõe alguns questionamentos. Quais são as formas de se entender este bairro? Como se pode conciliar a Liberdade atual com o seu passado?

Num giro pelas ruas do bairro, o filme respalda-se em histórias intimistas e singulares. A narrativa é conduzida a partir da vivência e do contato de imigrantes de diferentes etnias e culturas com contexto urbano de São Paulo.

1.2. Objetivos

Antes de escolher o tema da minha pesquisa, eu já havia decidido que seria um filme, por se tratar de uma linguagem pela qual eu tenho bastante afeto. *Filmmaking* é algo que eu pratico amadoramente há alguns anos, sempre num formato documental.

Quando adquiri a minha câmera atual, no fim do ano passado, comecei a fazer vídeos na rua. No começo fazia com o intuito de testar a câmera, as objetivas, mas com o tempo passei a fazer shots mais específicos: pessoas conversando, paredes pichadas, fachadas. Eu descobri que a cidade está o tempo todo contando histórias. Então já comecei a considerar uma abordagem a partir da cidade, de uma região.

Nesse tempo, assisti a dois documentários que me influenciaram profundamente: *Daguerreótipos*, de Agnès Varda e *Tokyo-Ga*, de Wim Wenders. O

primeiro foi feito por Varda no período em que cuidava de seu filho pequeno; o filme inteiro se passa na rua de sua casa, em Paris. O segundo, foi filmado em 16mm por Wim Wenders durante sua viagem a Tokyo, no começo dos anos 1980. Wenders tenta relacionar ideias abstratas e sua própria nostalgia enquanto conhece a cidade. Na época, eu ainda não tinha nenhuma ideia concreta sobre o meu projeto, mas já comecei a me ponderar sobre a possibilidade de produzir algo similar aqui no Brasil.

No começo deste ano, fiz uma visita à paróquia Nossa Senhora da Paz, que há muitos anos realiza um trabalho de auxílio a imigrantes e refugiados através da instituição filantrópica Missão Paz. A instituição desempenhou um papel importante em fluxos migratórios recentes, como no caso da imigração Haitiana, ocorrida em 2010.

O elemento estético foi o primeiro aspecto que me chamou a atenção; me encantei pela arquitetura e pela atmosfera do local. A Casa do Imigrante, que fica atrás da igreja, é onde residem os imigrantes. No refeitório, era possível ouvir conversas em idiomas variados.

Essa característica de convivência intercultural me inspirou a idealizar um documentário que apresentasse essas pessoas imigrantes como uma força cultural pulsante na nosso país, ao mesmo tempo que eu poderia exercitar os elementos estilísticos dos filmes de Varda e Wenders.

1.3. Justificativa

Para mim, o tema “imigração” integra algumas camadas de significado. Parte disso se deve ao fato de eu ser um imigrante paraguaio em São Paulo. Sou natural de Santa Rita, cidade no interior do Paraguai. Esse é um dos motivos que me aproximaram ao tema. O outro motivo foi a importância social de se discutir o assunto e incentivar o convívio entre diferentes culturas. Eu também buscava entender, a partir de outros imigrantes, o que eles acham da vida no Brasil e quanto as experiências de imigração podem variar.

A importância de retratar essas pessoas em busca de uma vida melhor reside na necessidade de compreender a riqueza e complexidade das experiências migratórias. Cada imigrante traz consigo uma bagagem cultural única, contribuindo para a diversidade e enriquecimento social. Ao documentar suas histórias e cotidiano, é possível não apenas evidenciar as dificuldades enfrentadas, mas também destacar as conquistas e resiliência desses indivíduos.

O objetivo do documentário não é apresentar dados sobre a questão imigratória, nem se colocar dentro de discussão pública sobre o assunto, mas trazer uma ótica sensível, que considere a individualidade das vidas que protagonizam esse fenômeno.

1.4. Projeto apresentado no 1º semestre de 2023

1.4.1. Resumo

O documentário propõe uma visita à vida dos imigrantes do bairro do Glicério. Acompanhando-os em seus desafios diários, alternados com conversas intimistas, o trabalho visa imprimir o imaginário, as perspectivas, e a história de pessoas que passam por um processo de reconstrução identitária.

1.4.2. Introdução

São Paulo é um verdadeiro caldeirão cultural, onde pessoas de diferentes origens se encontram e constroem suas histórias. A cidade tem sido um importante destino para imigrantes em busca de melhores condições de vida, oriundos de países diversos, com suas culturas e línguas singulares. A diversidade étnica e cultural encontrada em São Paulo reflete-se na formação de bairros caracterizados pela interculturalidade, locais que acolhem e abraçam os imigrantes em sua jornada de adaptação e construção de uma nova vida.

A importância de retratar essas pessoas em busca de uma vida melhor reside na necessidade de compreender a riqueza e complexidade das experiências migratórias. Cada imigrante traz consigo uma bagagem cultural única, contribuindo para a diversidade e enriquecimento social. Ao documentar suas histórias e cotidiano, é possível não apenas evidenciar as dificuldades enfrentadas, mas também destacar as conquistas, resiliência e a capacidade de reinvenção desses indivíduos.

Diante disso, o documentário buscará apresentar de forma concreta a realidade do fenômeno migratório através de histórias singulares. A narrativa será conduzida a partir da vivência e do contato de imigrantes de diferentes etnias e culturas com contexto urbano de São Paulo.

1.4.3. Justificativa

A minha primeira aproximação ao tema aconteceu durante uma visita que fiz à paróquia Nossa Senhora da Paz, que há muitos anos realiza um trabalho de auxílio a imigrantes e refugiados através da instituição filantrópica Missão Paz. A instituição desempenhou um papel importante em fluxos migratórios recentes, como no caso da imigração Haitiana, ocorrida em 2010.

A Casa do Imigrante, que fica atrás da igreja, é onde residem os imigrantes. Os dormitórios são divididos em duas alas, a masculina e a feminina, que ficam em volta de um pátio verde, onde as crianças brincam e os demais residentes passam seu tempo livre. No refeitório, durante as refeições, é possível ouvir conversas em pelo menos quatro idiomas diferentes.

Essa característica de convivência intercultural me levou a pesquisar mais sobre o assunto e me ajudou a definir aquele espaço como local onde realizaria o meu projeto. A importância de retratar aquelas pessoas e aquela realidade convergiu com a minha ideia anterior de projeto documental. Na paróquia Nossa Senhora da Paz eu pude encontrar um tema mais delimitado, onde ainda poderia desenvolver alguns elementos do projeto anterior.

A individualidade de cada personagem é expressa em grande parte na visualidade: nos traços físicos, gestos e forma de se expressar, além das diferenças linguísticas. Sendo assim, e considerando as minhas aspirações audiovisuais, o documentário foi a forma que escolhi para dar vida ao projeto.

1.4.4. Conteúdo

Considero essencial para o filme, a sua dimensão mutável e incerta: condição que se alinha com a realidade material dos personagens documentados. No entanto, mesmo que os caminhos e desdobramentos estejam sujeitos aos acontecimentos documentados, partirei de uma proposta pré-estabelecida. Na minha abordagem, pretendo levantar alguns nomes, conhecer e me aproximar das personagens, procurando estabelecer uma relação de confiança, para então, a partir deste contato, abrir o caminho para uma troca enriquecedora.

Nesse aspecto, como documentarista, praticarei uma escuta ativa e buscarei estimular uma comunicação livre com as personagens, procurando interferir minimamente em suas atividades. Parto também do reconhecimento da transitoriedade e atipicidade indissociável da condição das personagens. Por isso, optei por acompanhá-los em suas atividades diárias, que já se caracterizam por inconstâncias, ao invés de deslocá-los novamente, a fim de realizar entrevistas e servir o propósito do documentário. O filme deve estar orientado a seguir o propósito, existente ou não, das personagens, não o contrário. Isso, entretanto, não significa que não deva existir choques ou embates entre o documentarista e as personagens.

Meu objetivo é produzir um documentário com traços do cinema experimental, fazendo uso de técnicas pouco familiares ao formato, incluindo fragmentos ficcionais para criar um efeito dissociativo. Considero que o reconhecimento da peça audiovisual

como produto inerentemente ficcional agrega honestidade e abre o caminho para o exercício da abstração. Entretanto, visto manter evidente, durante toda a duração do filme, no campo da informação, a diferença entre o factual e o ficcional.

O filme contará com um ou mais personagens, e buscará compreender e situar estes indivíduos, abordando diferentes momentos de suas vidas. Desta maneira, visto apresentar a história, o momento atual e traçar perspectivas para o futuro de cada personagem, não necessariamente em ordem cronológica. Os personagens estarão presentes em quase todo o filme, intercalados entre si.

O objetivo do documentário não é apresentar mais dados sobre a questão imigratória, nem se colocar dentro discussão pública sobre o assunto, mas trazer uma ótica sensível, que considere a individualidade das vidas que protagonizam esse fenômeno.

Até o momento, o meu principal contato tem sido o Padre Paolo Parise, coordenador da Missão Paz, no Glicério. Paolo me colocou em contato com alguns possíveis personagens e me aproximou de grupos de imigrantes que frequentam a paróquia. Além de Paolo, tenho conversado com Miguel Ahumada, da Rádio Migrantes; com o Centro de Integração e Cidadania do Imigrante, que está trabalhando na linha de frente, recebendo e auxiliando os refugiados afegãos; e Swany Zenobini, ativista que também está diretamente envolvida com a causa afegã.

O principal empecilho tem sido a relutância dos imigrantes em serem filmados; muitos não querem ter a identidade revelada. No entanto, a equipe da Missão Paz já está levantando algumas pessoas que estariam dispostas a compartilhar as suas histórias.

As gravações devem acontecer no espaço da paróquia, na casa do migrante e nas ruas do bairro, que abriga uma grande diversidade cultural e étnica. Acompanharei todos os eventos organizados pelos imigrantes na paróquia, principalmente eventos culturais, festas, almoços, etc. Também pretendo dar espaço a outras personagens da região, como moradores, comerciantes, para compreender melhor as relações de convívio entre comunidades.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Missão Paz e o Glicério

Meu projeto passou por algumas mudanças durante a sua produção. Isso aconteceu por algumas razões que buscarei esclarecer. Depois da minha visita à Nossa Senhora da Paz, decidi que meu projeto abordaria “imigração e cidade”. A princípio, queria fazer um documentário sobre a vida de alguns imigrantes que moram no Glicério.

O meu interesse primário ainda era contar história humanas, intimistas e, de alguma forma, mostrar como pessoas diferentes, de culturas distintas, viviam e se relacionavam com a cidade. Começaria na Missão Paz, pois era o meu primeiro acesso.

O pessoal da Missão Paz foi muito acolhedor desde o começo. A primeira entrevista que gravei foi com o Padre Paolo Parise, coordenador da Missão Paz, pois ele próprio é um imigrante italiano no Brasil. Compartilhei a minha ideia com Paolo, que demonstrou interesse no projeto e se dispôs a me ajudar. No entanto, ele me informou que por questões legais, eu não poderia filmar na Casa do Imigrante, e disse que muitos dos que moram lá não ficam muito à vontade com câmera.

Eu pedi a Paolo que procurasse algumas pessoas lá dentro que estariam dispostas a conversar comigo e talvez participar do filme. A primeira oportunidade que tive foi com a comunidade filipina da igreja, que anualmente, comemora a independência das Filipinas com uma missa especial e festa.

No dia da missa, eu fui preparado para passar o dia lá e acompanhar todo o evento, e assim foi. A diária me rendeu um material bastante legal. Consegui entrevistar a organizadora de festa, o padre filipino. A celebração tinha comidas tradicionais, música, dança e muita confraternização.

Nas semanas seguintes, Paolo me convidou para outras festividades, e me apresentou a outras comunidades da igreja. Por outro lado, eu não recebia muita resposta dos indivíduos que eu queria conhecer, e a mediação do Paolo estava tornando o processo um pouco burocrático.

Em uma das minhas visitas à paróquia, decidi me aventurar um pouco pelo bairro do Glicério. Fiz algumas imagens de rua e percebi que teria alguns problemas caso eu quisesse continuar filmando lá: o principal deles era a segurança. Como era um projeto individual, eu estaria bastante exposto a riscos. Ao mesmo tempo, se eu optasse por não gravar no bairro, eu ficaria limitado à igreja e me distanciaria da proposta original. Então escolhi me deslocar. Fui para a Liberdade.

2.2. Liberdade e Hinodê

Quando migrei o meu projeto para o bairro da Liberdade, eu sabia que teria bastante material para trabalhar, mas também que deveria ser cuidadoso ao abordar alguns pontos. Por um lado, o bairro é muito diverso; isso me daria muitas opções de entrevistados e me permitiria explorar uma gama maior de histórias. Por outro lado, eu estava ciente da discussão África-Japão e da história negra do bairro, anterior à imigração japonesa. Senti a necessidade de abordar esse aspecto histórico, mas sem despreitar a história da imigração japonesa. Também não poderia desviar do meu tema, que era “imigração”, e nem da minha proposta estética.

Depois de algumas reflexões, decidi usar uma abordagem mais subjetiva e abstrata para ligar esse pontos. O termo “liberdade” é complexo e possui mais de uma definição; talvez essa também fosse uma característica do bairro. A Liberdade não tem apenas uma história, mas várias, e passou por transformações no decorrer do tempo. A história do bairro é marcada pela transitoriedade, assim como a vida todo imigrante. Sendo assim, já tinha o meu ponto comum; só precisaria achar as pessoas que contariam essas histórias para mim.

Outro ponto importante para mim, era estabelecer uma horizontalidade entre o meus personagens: eles deveriam ter diferenças, culturais e de classe, mas não deveriam ser autoridades no assunto. Por esse motivo, não recorri a especialistas.

Numa das minhas visitas ao bairro, conheci o restaurante Hinodê que me chamou a atenção por contar com dois garçons haitianos. Imediatamente, fiquei curioso em conhecer a história deles. Na hora de fechar a conta, conversei com o dono do restaurante, Sekai Sekiguchi. Expliquei o meu projeto para ele, que demonstrou bastante interesse em participar e me autorizou a gravar no próprio

restaurante. A disposição de Sekai me deixou bastante animado, e alguns dias depois, fui ao restaurante para filmar.

Na noite da gravação levei meu próprio equipamento e um microfone de lapela emprestado. Escolhi a lente 16mm, pois sabia que o espaço seria pequeno, e sua abertura me ajudaria caso houvesse pouca luz. Na primeira tentativa de entrevistar o chef, tive um problema com a alimentação do microfone. Outra dificuldade que tive, foi com a preparação exigida pela lapela. Eu queria fazer as entrevista durante o expediente, nos breves intervalos do trabalho. Por isso, optei por usar o meu direcional, que apesar de não ser muito profissional, foi a alternativa que encontrei.

Nessa diária, eu consegui entrevistar Sekai, dois garçons e dois imigrantes, um estadunidense e um inglês, que jantavam no restaurante. Fiquei lá desde a abertura até o fim do expediente, consegui coletar muita coisa. Já sabia que aquele material seria muito importante para o filme, mas precisaria voltar ao Hinodê para complementá-lo.

Na primeira diária, eu fui despreparado para falar com os haitianos, que tinham pouco domínio do português. Percebi que eles entendiam as minhas perguntas, mas na hora de responder tinham dificuldades e inibições. Então pedi que respondessem em sua própria língua. Funcionou. Consegui que falassem bastante, no entanto, surgiu um novo problema: precisaria de tradução.

Depois de várias pesquisas, encontrei um tradutor de crioulo haitiano que topou o serviço. Como ele era de Santa Catarina, o desafio foi fazer a tradução pelo telefone. No fim, não deu certo. Então, segui com as entrevistas às cegas com os haitianos. Entretanto, com o material anterior traduzido, já tinha mais conhecimento sobre os entrevistados.

Os entrevistados estavam visivelmente mais a vontade na segunda diária do restaurante. Acredito que os haitianos, Witschel e Odne, sentiram confiança em poder falar sua própria língua. Havia pedido a Sekai que levasse algumas fotos ou registros de sua família. Ele não apenas levou as fotos, como também trouxe mais histórias sobre seus pais.

Os principais desafios que enfrentei no Hinodê foram na captação e na comunicação. Felizmente, o carisma dos personagens compensaram os problemas.

2.3. Capela dos Aflitos e Ocupação dos Imigrantes

Após finalizar as gravações no restaurante, fui atrás de material sobre o bairro. Fiz algumas imagens das ruas, entrevistei algumas pessoas que encontrei. No geral, gostei do material que consegui, mas só tomei conhecimento de algumas questões importantes ao rever os vídeos: parte do material estava bastante tremido e a poluição sonora também atrapalhou. Eu esperava assumir um aspecto caseiro ao documentário mas, mesmo assim, a falta de estabilização da minha câmera se tornou um problema. Nas próximas filmagens, fiz uso de tripé.

A minha próxima parada foi na Capela Nossa Senhora dos Aflitos, onde pude conversar com Igor Carollo, o arquiteto que trabalha na restauração da capela. Ele falou muito sobre a história daquela igreja e sobre Chaginhas, um dos personagens do filme. No entanto, Igor pediu que não aparecesse no filme, por questões legais.

Fiz alguns planos muito bonitos na capela, e no terreno ao lado, onde foram encontradas ossadas do antigo Cemitério dos Aflitos. A obra que ocorria no terreno teve que parar depois do achado. Ainda que eu quisesse trazer estes fatos para o documentário, no final, optei por deixar fora. Se eu falasse disso, teria que aprofundar mais e isso impactaria a narrativa que eu estava construindo.

Antes de deixar a capela, Igor me falou da Ocupação dos Imigrantes Jean-Jaques Dessalines e me passou o contato de um dos coordenadores. Quando entrei em contato com a ocupação, num primeiro momento, ficaram receosos em expor as moradias. Expliquei o filme que estava fazendo e que meu interesse estava na história dos moradores. Depois de um pouco de conversa, marcamos a gravação para uma quinta-feira, Dia de Finados.

Cheguei cedo na Ocupação. Fui recebido por Luiz Chacon, membro do MLB, movimento que administra a ocupação. Luiz me mostrou todo o prédio e me falou sobre o movimento. Entrevistei primeiro os moradores que estavam na área comum do prédio, e depois bati na porta de outros. Alguns não quiseram falar, mas, felizmente, os que aceitaram a entrevista compartilharam bastante coisa.

Nesse mesmo dia, refiz algumas imagens do bairro, desta vez com ajuda de um

tripé, e voltei à Capela dos Aflitos para refazer algumas imagens que fizeram tremidas. Além de levar um tripé, contei com a ajuda da minha namorada, Raquel Vital, e meu colega, Rafael Felix. A diária rendeu bastante, graças a minha pequena equipe.

2.4. Pós-produção

A pós-produção foi, com certeza, a parte mais difícil do projeto, pelas temáticas que eu queria ligar e por conta do extenso material, com seis entrevistas isoladas. Também, tive que esperar muito tempo para receber o material dos haitianos traduzido.

O software que utilizei foi o Davinci Resolve. A escolha se deve a sua otimização para a correção de cores. Tive que inverter o processo da pós-produção, trabalhando as cores do filme primeiro, pois os arquivos estavam muito pesados e meu computador não suportaria um projeto inteiro em RAW. Deste modo, comecei selecionando o material que entraria no filme, depois corrigi as cores dos vídeos selecionados e exportei em MP4 para continuar a edição. Na época, não sabia da função proxy, que teria me poupado um tempo.

Antes de editar, decupei e transcrevi todo o material para facilitar a montagem do filme. O meu objetivo era, a partir das entrevistas, que já continham seu valor individual, extrair o que poderia ser usado para construir uma linha narrativa.

Num primeiro momento, pensei em juntar todas as entrevistas e intercalá-las durante todo o filme. Desta forma, eu poderia evidenciar os pontos de contato dos relatos. No entanto, além da extrema dificuldade que encontrei, também percebi que isso me daria muito controle sobre o texto; as comparações ficariam froçadas e as histórias se dissolveriam. No fim, optei por estabelecer uma cronologia baseada nas localidades. Quando comecei a trabalhar essa alternativa, o projeto começou a fluir com mais facilidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de transitar entre a Missão Paz, o bairro do Glicério e a posterior mudança para a Liberdade representou uma jornada exploratória que reflete as nuances e desafios inerentes à construção do documentário. Acredito que consegui manter os elementos da diversidade cultural, ao mesmo tempo que consegui capturar parte da experiência cosmopolita de São Paulo.

A inclusão da Capela dos Aflitos e da Ocupação dos Imigrantes trouxe uma dimensão mais ampla ao documentário, explorando não apenas as histórias individuais, mas também as transformações do próprio bairro. O restaurante Hinodê tornou-se um ponto central do filme, destacando as diferentes culturas presentes em São Paulo. A interação com os garçons haitianos revelou a importância da comunicação na obtenção de relatos autênticos, enquanto as limitações técnicas me levaram a repensar estratégias para futuras entrevistas.

Em retrospectiva, o que mais apreciei foi a oportunidade de mergulhar em histórias tão ricas e diversas, capturando a essência única de cada personagem. No entanto, reconheço que, em futuros projetos, investiria mais tempo na pré-produção para antecipar possíveis desafios técnicos e garantir uma narrativa mais fluida. Aprendi que cada escolha estética e técnica impacta diretamente na experiência do espectador.

4. BIBLIOGRAFIA E FILMOGRAFIA

ALTER, Nora M. *The Essay Film After Fact and Fiction*. Vol. 1. Columbia: Columbia University Press, 2018.

DAGUERREÓTIPOS. Direção de Agnès Varda. França: Ciné Tamaris, 1976. (80 min.).

JUBILUT, L. L. et al. *Migrantes forçados: conceitos e contextos*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2018.

OLIVEIRA, Adriana Capuano de. *Uma Questão de Identidade! Migrações e pertencimento na dinâmica do mundo globalizado*. Vol. 1. São Paulo: Revista USP, 2017.

OS CATADORES e eu. Direção de Agnès Varda. França: Ciné Tamaris, 2000. (82 min.).

OS PANTERAS negras. Direção de Agnès Varda. França: Ciné Tamaris, 1968. (26 min.).

PAPAZIAN, Elizabeth A. *The Essay Film: Dialogue, politics, utopia*. Columbia: Columbia University Press, 2016.

TOKYO-GA. Direção de Wim Wenders. Alemanha: Wim Wenders Stiftung, 1985. (92 min.).